



O agir moral do século XIX e a inovação proposta pelo Padre Ibiapina

The moral act of the xix century and the innovation proposed by Father Ibiapina

*Waldir Souza

** John Anderson Morais

Resumo

José Antônio de Maria Ibiapina assumiu a vida mística diante da pobreza dos sertanejos, com edificações humanas, “Casas de Caridade”, sendo capaz de transmitir regras morais no contexto cultural nos rincões do Nordeste. Locais praticamente abandonados, à mercê da própria sorte, onde geralmente apareciam padres para apenas realizar a desobriga. A missão de Ibiapina, ao contrário, juntava os pobres em mutirão e com Irmãs e Irmãos da caridade executava inúmeras construções. O estudo em questão objetiva analisar o Agir Moral do século XIX e a proposta inovadora do Padre Ibiapina. O método é dedutivo e usa a lógica da existência enquanto ontologia da liberdade Missionária. A metodologia é qualitativa bibliográfica, exploratória com análise de conteúdo, não é exaustivo, nem responde a uma cronologia rigorosa. Esta pesquisa contempla *As Instruções espirituais do Padre Ibiapina* como principal texto a ser trabalhado, o qual é colocado em confronto com outros escritos da Tradição da Igreja, tendo em vista que a mitra de Olinda desautorizou as missões e preferiu visitas pastorais de sacramentização. Em meio a tantas adversidades, Ibiapina, em pleno século XIX, resgatou com os sertanejos a moral centrada em Jesus Cristo,

* Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), professor do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Contato: wacasouza@yahoo.com.br

** Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Contato: andersonjonhmoais@outlook.com

Revista de Cultura Teológica

Texto enviado em:

05.08.2024

Aprovado em:

10.09.2025

Ano XXXIII - V. 34 - Nº 111

Mai - Dez 2025



PUC-SP

Programa de Estudos
Pós Graduação em
Teologia - PUC/SP

por intermédio da Virgem Maria, maneira pela qual o missionário personificou até hoje a conduta moral dos nordestinos.

Palavras-chave: Ibiapina. Caridade. Igreja. Pobres. Beatos.

Abstract

José Antônio de Maria Ibiapina assumed a mystical life in the face of the poverty of the country people, with human buildings, “Houses of Charity”, being able to transmit moral rules in the cultural context in the corners of the Northeast. Practically abandoned places, at the mercy of their own fate, where priests usually appeared to just carry out the release. Ibiapina’s mission, on the contrary, brought together the poor in joint efforts and with Sisters and Brothers of charity carried out numerous constructions. The study in question aims to analyze the Moral Act of the 19th century and the innovative proposal of Father Ibiapina. The method is deductive and uses the logic of existence as an ontology of Missionary freedom. The methodology is qualitative bibliographic, exploratory with content analysis, it is not exhaustive, nor does it respond to a rigorous chronology. This research considers The Spiritual Instructions of Father Ibiapina as the main text to be worked on, which is placed in comparison with other writings from the Church’s Tradition, considering that the miter of Olinda disallowed the missions and preferred pastoral visits of sacramentization. In the midst of so much adversity, Ibiapina, in the middle of the 19th century, revived with the country people the morality centered on Jesus Christ, through the Virgin Mary, the way in which the missionary personified the moral conduct of the northeastern people to this day.

Keywords: Ibiapina. Charity. Church. Poor. Blessed.

Introdução

Desde o século XVI, os monarcas ibéricos foram autorizados pelo Vaticano a administrar os assuntos religiosos no Ultramar, pela instituição denominada Padroado Régio, acordo instituído entre a Santa Sé e Portugal, no qual o Papa delegava, nessa situação, ao Rei de Portugal. Já o Imperador brasileiro delegava à exclusiva organização financeira de todas as atividades religiosas católicas. Isso impedia que a estrutura paroquial atendesse as carências da população desassistida. O padroado procurava sustentar as necessidades religiosas e civis, pois se encontrava nos registros paroquiais certidões de nascimento, casamento e óbito (Lima, 2014, p. 51). Na realidade, os patronos da evangelização se transformavam

em funcionários das respectivas coroas e o clero apenas seguia as bulas papais se fossem aceitas pelo Imperador.

José Antônio de Maria Ibiapina, também conhecido como Padre Mestre Ibiapina, nasceu em 5 de agosto de 1806, na cidade de Sobral, no Ceará, durante o período do Brasil Colônia, quando a instituição eclesiástica era frequentemente controlada pelo Estado. De sobrenome indígena e brasileiro, Ibiapina — sacerdote diocesano oriundo da região pobre do Nordeste — percorreu cerca de 601.758 quilômetros a pé ou a cavalo, levando a palavra de Deus aos mais necessitados. Com o passar dos anos, substituiu o sobrenome Pereira por Maria, em sinal de devoção (DOCUMENTOS COLETIVOS DE NOSSO EPISCOPADO, 2019, p. 154-155).

Com a Independência do Brasil (1822), o padroado continua como atribuição dos monarcas brasileiros. Em sua grande maioria, os clérigos não se importavam com as necessidades afligidas pela população e a Igreja estava inserida em sociedades secretas, como a Maçonaria.

Ao considerar esse contexto da sociedade, no qual impera o próprio interesse, em outubro de 1832, o jovem Ibiapina se encontra em formação, provavelmente aos 26 anos de idade, na primeira turma de bacharéis de Olinda, estando pronto para exercer sua carreira profissional como Juiz de Direito. Vale dizer, que sempre chamou atenção suas qualidades profissionais, de uma moral esplêndida.

Segundo Comblin (2011a, p. 18), que investigou os primeiros anos da trajetória de Ibiapina, o jovem seminarista não encontrou, nos corredores do seminário, as virtudes da ciência e da moralidade que imaginava serem marcas da verdadeira religiosidade. No entanto, fiel ao Evangelho e íntegro em sua busca espiritual, Ibiapina não se desviou de seus ideais. Somente aos 47 anos, já amadurecido na fé e na experiência humana, foi convidado por Dom João da Purificação Marques Perdigão, então bispo de Olinda, a receber a ordenação sacerdotal. Em 26 de julho daquele ano, Ibiapina foi ordenado padre, selando um compromisso profundo com os pobres e com os valores do Reino de Deus. Dom João Perdigão (1779–1864), religioso agostiniano e 17º bispo de Olinda — nomeado por Dom Pedro I —, fora um pastor zeloso, formado nas doutrinas

teológicas, de alma missionária e coração solidário. Sua sensibilidade pastoral e proximidade com os marginalizados foram determinantes no caminho vocacional de Ibiapina, que veria no ministério não um status, mas uma missão de justiça, caridade e encarnação do Evangelho.

Mesmo sem ter completado os estudos no seminário, como propunha o Concílio de Trento, Ibiapina já é cogitado para ser o primeiro bispo da Diocese de Fortaleza. Mas, humilde a esse chamado, não se corrompeu pelo poder; aliás, propôs uma nova maneira de ver a Igreja no Brasil, optando pelas características do Deus ético, revelado por Jesus Cristo.

É importante ressaltar que o principal objetivo deste estudo sobre o agir moral no século XIX, a partir da proposta inovadora do Padre Ibiapina, é evidenciar como o Nordeste brasileiro, historicamente negligenciado pelas forças governamentais da época, tornou-se, por meio de sua atuação, um espaço de sinal profético. Desejoso de viver em estado de pobreza e inteiramente dedicado ao ministério sacerdotal, Ibiapina “resolveu doar tudo o que possuía” (ARAÚJO, 1996, p. 277). Homem sério e profundamente comprometido com suas convicções evangélicas, ele abandonou o magistério e cargos burocráticos para assumir uma vida mística, encarnada na realidade sofrida dos sertanejos. Sua ação antecipou, dentro da Igreja, uma moral prática vinculada à Teologia, não tanto por seus conteúdos doutrinários, mas por sua aplicação concreta na construção de uma ética vivida.

Um dos maiores exemplos disso foram as Casas de Caridade — instituições multifuncionais que, segundo Comblin (2011a, p. 43), serviam como hospitais, casas de hóspedes, moradias para irmãs, irmãos, órfãos e idosos, além de contarem com hortas, estábulos e roçados ao redor. Por meio dessas obras, Ibiapina não apenas atendeu às necessidades imediatas do povo, mas também promoveu uma pedagogia moral que respeitava a dignidade da pessoa humana em sua realidade concreta e cultural nos rincões do Nordeste.

Ainda que as orações e os conselhos servissem como alimento espiritual à esperança do povo sertanejo, foi a taumaturgia — entendida como um tipo de poder em sintonia com a realização de feitos materiais, espirituais e curas

psicofísicas — que despertou manifestações populares marcadas pelo messianismo. Tal fenômeno religioso, profundamente enraizado nas carências e expectativas da população nordestina, influenciou figuras emblemáticas como Antônio Conselheiro Vicente Mendes Maciel (1822–1897), o beato pregador que, a partir de 1872, começou a mobilizar multidões. Após ser abandonado pela esposa, sua trajetória adquiriu contornos de denúncia social e religiosa, provocando tensões com a hierarquia da Igreja Católica. O arraial de Canudos, que fundou, manteve vínculos com outros vilarejos e tornou-se centro de uma popularidade político-religiosa de grande impacto (VILLA, 1995, p. 244). De modo semelhante, Padre Cícero Romão Batista (1844 -1934) – fundador da cidade de Juazeiro, no Ceará – tornou-se conselheiro do povo, orientando-o em questões econômicas, familiares e de saúde. Além de ter exercido o cargo de prefeito, sua fama de milagreiro permanece viva até os dias atuais. A devoção popular que o aclama como o “Pai dos Pobres” não pode ser compreendida apenas como expressão de piedade, mas como autêntica opção dos pobres por alguém que representava, em sua mística, um Cristo encarnado na realidade nordestina (COMBLIN, 2011b, p. 44).

Em um primeiro momento, essa forma inculturada de evangelização foi vista com desconfiança pela Igreja Oficial, especialmente entre o final do século XIX e o início do século XX. A hierarquia eclesial, ainda fortemente atrelada aos paradigmas do catolicismo imperial e posteriormente da República Velha, interpretava tais expressões como desvios da ortodoxia ou mesmo como ameaças à ordem social e religiosa. No entanto, essas lideranças populares viviam uma fé enraizada nos mandamentos evangélicos, expressa através de práticas profundamente comprometidas com a justiça, a solidariedade e a dignidade humana. Essa religiosidade do povo antecipava, de forma profética, uma crítica sofisticada tanto ao modelo religioso vigente quanto à aliança entre Igreja e Estado. Somente com o Concílio Vaticano II se redescobriria, teológica e pastoralmente, esse “novo jeito de ser Igreja” — mais próximo dos pobres, mais aberto à cultura local e mais comprometido com a transformação da realidade à luz do Evangelho.

Portanto, serão apresentados neste artigo, brevemente, as missões e convergências que levam a atestar a proposta inovadora do Padre Ibiapina. Contém as descrições e análises das obras como: “A missão Ibiapina”, de Ernando Luiz

Texeira, “Padre Ibiapina peregrino da Caridade”, de Francisco Sadoc de Araújo; além de análises de obras, artigos de livre escolha com seus devidos escores, relatório de observações juntamente com suas análises e, finalmente, a proposta de comparativos com a vida missionária do Padre Ibiapina na perspectiva da teologia, que visam trazer aos longevos benefícios através de uma moral na caridade.

O presente artigo terá como tema norteador o desenvolvimento humano assumido por Padre Ibiapina a fim de transmitir palavras confortadoras e transformadoras do Evangelho.

Ao explorar o referido tema, como primícias, procurar-se-á recorrer a leituras, a fim de fundamentar teoricamente pesquisas que envolvam a biografia de Padre Ibiapina, expandindo o conhecimento a seu respeito. O foco nesse texto é estudar teologicamente, a partir de diversas bibliografias, as generalizações e comparações do impacto causado pela missão de Ibiapina, numa técnica interpretativa, que visam descrever e decodificar os componentes que levam a crer numa interpretação empírica e subjetiva de que Ibiapina propôs ao sertanejo uma moral baseada no Evangelho e adequada à situação social de vida no Nordeste. Teve como base fundamentos teóricos, epistemológicos e filosóficos, embora haja contextos diferentes como os de Antônio Conselheiro ou Padre Cícero de Juazeiro, que não são confluentes.

1. Projeto romanizador da igreja do Brasil na segunda metade do século XIX

Em 1864, o bispo de Roma, Papa Pio IX, publicou a encíclica *Quanta Cura*, acompanhada do *Syllabus Errorum*, documentos que condenavam com veemência diversos erros modernos, entre eles a submissão do poder espiritual ao poder civil, a autonomia das decisões estatais sobre os decretos papais e a interferência dos governos nacionais nos assuntos da Igreja (DENZINGER, 2901-2980). Essas críticas atingiam diretamente a postura de muitos Estados, como o Império do Brasil, que, sob Dom Pedro II, mantinha o regime do padroado, exigindo submissão do clero às autoridades civis. Embora tais posicionamentos romanos encontrassem resistência entre muitos bispos brasileiros, foram assumidos com firmeza por Dom Manuel do Rego Medeiros (1829–1866), o primeiro bis-

po a nascer em sua própria diocese. Profundamente leal à Cúria Romana, Dom Manuel foi agraciado por Pio IX com um crucifixo, símbolo de reconhecimento e comunhão com o sucessor de Pedro.

Sua fidelidade eclesial, entretanto, não o isentou de conflitos intensos no cenário político-religioso da época. Dom Manuel foi irmão de Antônio Manuel Medeiros, que atuou como diretor de hospital durante a Guerra da Tríplice Aliança — um tempo marcado por tensões entre o catolicismo oficial e movimentos ideológicos como a maçonaria. Como bispo, Dom Manuel promoveu uma purificação nas confrarias religiosas, expulsando delas membros ligados à maçonaria, o que lhe custou retaliações severas, inclusive sua prisão em 1874. Sua trajetória revela o embate entre duas visões de mundo: de um lado, a Igreja que buscava reafirmar sua identidade espiritual e teológica diante das pressões do secularismo moderno; de outro, um Estado que pretendia subordinar o sagrado à lógica administrativa. Nesse contexto, Dom Manuel do Rego Medeiros se destaca como figura simbólica da tensão entre fidelidade doutrinal e realidade histórica, entre o evangelho e as estruturas de poder.

Vidal (2003, p. 428) afirma que é impossível reunir todas as expressões morais católicas que acontecem nesse período. Diante desse contraste histórico, entra a instituição do padroado régio. Por isso, tal contagem é restringida à análise dos problemas de moral, tratados em revistas religiosas de um contexto social determinado.

Padre Ibiapina insere-se de forma significativa no contexto da chamada Questão Religiosa, um período de intensas tensões entre o poder civil e a autoridade eclesiástica no Brasil imperial. Sua atuação coincide com um momento decisivo na história da Igreja, marcado pela consolidação da separação entre o Estado e o poder religioso, e pela emergência de um modelo pastoral profundamente influenciado pela moral casuística. Como observa Vidal (2003, p. 435), o século XIX foi palco de “um amplo e profundo movimento de retorno à Igreja e à moral afonsiana” — uma referência à teologia moral de Santo Afonso Maria de Ligório (1696–1787), fundador da Congregação dos Missionários Redentoristas. Essa corrente buscava compreender o comportamento humano à luz de prin-

cípios éticos e cristãos, propondo um discernimento sensível às circunstâncias concretas da vida. Contudo, ao longo do tempo, esse modelo evoluiu para uma forma de rigorismo moral que dominaria a prática pastoral até o final do século, quando se esgotaria a influência direta da moral ligoriana.

Nesse cenário, Ibiapina representa uma síntese singular: embora inserido em um tempo de endurecimento moral, sua prática evangelizadora não se limitou à rigidez normativa. Ao contrário, sua missão junto aos pobres e marginalizados do Nordeste brasileiro expressava uma ética encarnada, onde a teologia moral se traduzia em gestos concretos de caridade, justiça e promoção da dignidade humana. Ele não apenas reagia ao contexto político e eclesial, mas oferecia, por meio de sua vida e obra, um novo caminho de reconciliação entre fé, cultura e humanidade.

Em 1879, a moral irá recuperar a base ontológica da metafísica, contudo, manterá em suas propostas teológicas, os esquemas casuísticos. Dessa forma, a maneira que se enfatizava a restauração do tomismo, a posteriori, “os novos valores religiosos serão importados da Europa, trazendo todos a marca do Romanismo, ou seja, de uma declarada vinculação da Cúria Romana” (RIOLANDO, 1977, p. 12).

A europalização da vida religiosa vai se espalhando no nordeste brasileiro com os novos institutos e devoções, que vão sobrepondo a vida do catolicismo. Segundo Fragozo (1984, p. 93), em uma época em que os clérigos, a pedido dos bispos, procuravam enquadrar a vida espiritual da população. Padre Ibiapina soube estabelecer a consciência pessoal como norma de discernimento de como proceder diante da confissão em relação aos manuais pré-estabelecidos.

Dentro dessa Romanização, Ibiapina deixou a seus filhos espirituais uma maneira livre e concreta para a confissão, sem que, para isso, fossem persuadidos. O critério foi a consciência, não o discernimento do padre confessor. Ibiapina (1984) aconselha que “quando o padre quiser fazer perguntas no meio da confissão dirá: Vossa Revma. Dando-me licença, me deixará dizer meus pecados, porque sei me confessar”.

À primeira vista, tal afirmação parece contraditória. No entanto, nessa época, o campo da moral estava totalmente separado da fé, em um amontoado de leis, sobretudo, negativas. Nesse contexto, “dizer o que não se sente, é mentira e a mentira é pecado contra o Espírito Santo, ofensa a Ele, arreda a graça, e que não tem graça não obra bem” (IBIAPINA, 1984, p.27).

O novo código de Direito canônico esclarece no cân 979: o Sacerdote, ao fazer perguntas, proceda com prudência e discrição. No cân 980, se ao confessor não resta dúvida a respeito da disposição do penitente, não lhe seja negada a absolvição. Cân 988, o fiel tem obrigação de confessar, quanto à espécie e ao número, todos os pecados graves de que tiver consciência após diligente exame de consciência (CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO, 2001, p.253-254 grifo nosso).

Diversos fatores poderiam explicar a atitude de Ibiapina frente a esses casos, seja em relação aos estatutos da casa de caridade e em torno de certa interdependência de Clérigos, que extrapolavam em desobediência e falta de disciplina, com grandes jargões de moralismo para o povo simples, enquanto estes não se dispunham à prática (SILVA, 2014, p.17). De um jeito leve e simples, sem uma ruptura drástica dentro de uma realidade desesperadora e com maiores demonstrações de altruísmo, Ibiapina deixou para a Igreja uma ação evangelizadora, sendo admirado pela sua opção antecipadora do Concílio Vaticano II.

Conforme atesta Araújo (1996, P. 377) “Ibiapina era feio, mas não anti-pático, antes cheio de doçura, que lhe atraía irresistível simpatia e respeito”. Sua Palavra era de ensino eloquente capaz de assumir a solução dos próprios problemas. Era gentil, caridoso, sabendo unir o material e o espiritual, conforme aconselha o apóstolo: “assim também a fé, se não tiver obras está completamente morta” (Tg 2, 17). Destas missões também participou Antônio Vicente Maciel – conhecido como Antônio Conselheiro. Sua forma de vida cristã motivou a formar o vilarejo pobre de Canudos (ARAÚJO, 1996, p. 356).

Com um apostolado influente teve colaboração de seus colegas clérigos até a criação da nova Diocese de Fortaleza (1854). Sua atuação foi tão contundente que serviu de inspiração à acolhida dos sertanejos pelo Padre Cícero Romão. Conforme Lira Neto (2009, p. 28) “foi na inauguração da casa de Caridade

de Missão Velha, que o jovem Cícero Romão conheceu pessoalmente o padre Ibiapina. Ficou fascinado pelo verbo eloquente e pelo carisma daquele reformador dos costumes”. Pode-se retroprojetar que o sermão de Ibiapina – em suma seria o mesmo adaptado pelo Padre Cícero em Juazeiro – que, provavelmente teria escutado, da boca do santo missionário, o aforismo repetido nos sermões: “Quem matou, não mate mais, quem roubou, não roube mais, quem adulterou, deixe dessa vida, a misericórdia de Deus é maior que tudo” - sermão na inauguração da casa de Caridade de Missão Velha (SILVA, 2014 p.197, ARAÚJO, 1996, p. 380).

No Nordeste, a situação era precária: os anos de seca, fome e epidemia provocam tristezas, desesperanças, descontentamentos. A Igreja não pôde ficar alheia e de braços cruzados, assistindo a morte de seus filhos. A região assumida por Ibiapina, para a ação evangelizadora civilizadora, alimenta a esperança da população ao diminuir seus sofrimentos.

2. A ação evangelizadora do Padre Ibiapina

No século XIX, os moralismos acabam massacrando e afastando os sertanejos da misericórdia de Deus Pai, que fora, muitas vezes, confinada a uma salvação pessoal, na moralização familiar ou, apenas, no devocionismo sentimental. Por esse caminho, chega-se a certo escândalo histórico. Com ênfase no itinerário missionário de Padre Ibiapina e na sua prática legislativa, encontra-se a preocupação deuteronomista: estrangeiro, órfão, viúva (Dt 24, 17) e como sua vida taumatúrgica antecipou, antes do século passado, o olhar de Deus, presente nos problemas reais da humanidade, apagando uma multidão de pecados, na caridade concreta, vivida no mutirão.

Storniolo (1992, p.83) destaca que o Deuteronomio representa a avaliação da transição política, econômica e social que acontece do sistema tribal para o tributário, afirmando que o amor e o temor a Deus penetram na vida, em todos os setores: familiar, higiênico, político e, também, com relação à natureza. Conforme Araújo (1996), foi a experiência de encontrar-se com Deus que motivou Ibiapina a tornar-se nômade, percorrendo as misérias humanas, para lá encontrar-se com

a misericórdia de Deus. Suas longas viagens são verdadeiros ziguezagues para socorrer todos os setores de onde somente previam a morte e não a vida.

Ibiapina faz parte de um momento trágico no nordeste do Brasil, pois tal região é assolada pela falta de água. Com isso, é preciso esboçar um projeto, que poderá se assemelhar às transformações na História de Israel. Ora, será crucial o destaque da conversão pessoal e social, sendo o único caminho que leva à vida. Tal ação significou um apelo constante nas missões, que culminavam com a construção de açude, cemitério, casa de caridade, ou mesmo, a capela do vilarejo.

Em 1860, conforme relata Hoornaert (1984), o arcebispo da Bahia, Dom Romualdo Antônio Seixas (1787 - 1860) – único arcebispo do Brasil Imperial, deputado pelo Pará e responsável pela sagração de Dom Pedro II, a quem serviu como figura de prestígio e recebeu o título de Marquês de Santa Cruz – emitiu uma carta pastoral na qual declarava a ociosidade como um dos maiores pecados, exortando os pobres a buscar trabalho. Tal discurso, embora revestido de autoridade eclesiástica, ressoou nas classes dominantes como legitimação da desigualdade, dando origem a estigmas como o infame bordão: “vá trabalhar, vagabundo!”.

Essa visão reducionista da pobreza, desconsiderando suas causas estruturais, tocou profundamente o coração de Padre Ibiapina, que enxergava a miséria não como fruto de preguiça, mas como consequência de um sistema injusto: como trabalhar na roça sem chuva, ou sem acesso à terra, quando os melhores terrenos estavam concentrados nas mãos de latifundiários? Diante de um povo exaurido, doente, faminto e abandonado, Ibiapina não apenas se compadeceu – ele reagiu com um projeto concreto de evangelização, voltado à promoção da dignidade humana, à organização das comunidades e à construção de uma fé encarnada nas realidades do sertão.

Ibiapina é um intelectual, afirmou o bispo Carvalheira (2019, p.67-69); fez valer a Palavra de Deus. Na sua época, foi fidelíssimo à fé católica, na comunhão e na disciplina, assumindo as raízes do seu povo faminto, que pensava em fatos concretos: nos mutirões, nos fartos almoços, nas 22 casas de caridade, abrigando as órfãs desamparadas, beatas, do povo rude e simples, que cuidavam dos doentes, e o total acolhimento aos flagelados da seca.

Os últimos capítulos da crônica da Casa de Caridade de Santa Fé retratam as representações teatrais, elaboradas por Padre Ibiapina, um dos melhores modelos de catequese. As lições tiradas da Bíblia são, sobretudo, morais. De acordo com Comblin (1984), o padre Mestre queria reforçar o ensinamento da moral tradicional dos camponeses pelo ensinamento bíblico.

São Leão Magno (1996, p.115) acentua que “nenhuma devoção dos fiéis agrada mais ao Senhor do que aquela dedicada aos seus pobres e, onde se encontra a preocupação da misericórdia ele reconhece a imagem de sua própria bondade”, pois há muitos que vão para o céu por um único bem, enquanto muitos estão no inferno pelo único mal. Nessa perspectiva, o padre Ibiapina juntava os pobres e desvalidos, pretendia a reconstituição da família, a dignidade, o trabalho, o perdão e a vontade de Deus. Assim se atesta os versos cantados na missão feita por ele em Bananeiras em 1863: “Já morreu o samba/ Já venceu Jesus/ Ardam pontas e violas/ Em honra da Cruz/ Todos os Sambistas/ Querem ter prazer/ Venham ao pé da cruz/ Ver violas arder” (CARVALHO, 2008, p. 49-51).

Destarte, percebe-se que Ibiapina sabe transmitir de um jeito simples, com poucos recursos, em razão das ofertas dos pobres. Investir em uma infraestrutura voltada para a bondade reserva para si o mínimo, aliás, nada. Ibiapina para seus desvalidos, faz casas de caridade. Porém, Padre Mestre não tem casa de morada, sua moradia é nas estradas poeirentas, moldadas pelos cactos e pela vegetação do semiárido nordestino. Além disso, preocupa-se com a educação profissionalizante para as mulheres, moças pobres da região com uma cultura local e regional. Atesta Dom Panico (2019, p. 122) as ações de Padre Ibiapina “se caracterizam por uma religiosidade popular manifestadas pela caridade cristã e ideais de civismo e produtividade”.

Sozinho, Padre Ibiapina dificilmente teria conseguido concretizar toda a complexa infraestrutura de suas missões, que iam muito além das práticas devocionais. Suas ações incluíam orações, procissões penitenciais e momentos de catequese popular que, mais tarde, ganharam contornos semelhantes às Santas Missões realizadas por Frei Damião. É inevitável a inspiração do missionário capuchinho em Padre Mestre. Inclusive, várias vezes, fez veneração no seu túmulo.

A diferença entre eles é que Frei Damião, acolhido pelo carisma pessoal, contou com a aprovação do vigário ou do bispo e Ibiapina foi fiel às necessidades dos pobres na Igreja de sua época (PIRES, 1984, p.24)

Pio Giannotti (1898–1997), conhecido popularmente como Frei Damião, foi um frade capuchinho que chegou ao Brasil em 1931 e celebrou sua primeira missão em Gravatá. A partir da década de 1940, suas missões ganharam força, caracterizando-se por pregações intensamente moralizantes e por uma forte ênfase na conversão, além da presença de elementos taumatúrgicos. Frei Damião era amplamente aclamado pelo povo, assim como seu companheiro Frei Fernando de Bozzano, e suas missões eram acompanhadas por manifestações culturais, como as canções populares que diziam: “Só nas Santas Missões nós temos / uma festa bonita assim / no começo de lá do céu / onde a festa não tem mais fim” (LUCENA, 2017, p. 86). Ainda que muitos acorressem aos eventos em busca de milagres – inclusive cangaceiros e pessoas do povo mais simples – as missões de Ibiapina, culminavam em algo mais profundo: um verdadeiro ato civilizatório, enraizado na responsabilidade ética e na ação transformadora, que transcendia o simples desejo de intervenção sobrenatural.

Ibiapina cultivou e incentivou vocações, a ponto de ser carinhosamente apelidado pelo povo de “beatas e beatos”. O termo, longe de ser pejorativo, referia-se a mulheres e homens que, em um gesto de total entrega, abandonaram tudo para servir a Deus. Naquela época, as beatas estavam presentes no interior, dedicadas às celebrações populares e à vida religiosa. No projeto missionário de Ibiapina, o primeiro passo foi a construção das casas, seguido pela participação ativa de mulheres e homens no serviço, que passaram a ser chamados de “mães e pais da pobreza” (COMBLIN, 2011a, p. 45-50). Esses fiéis, com o apoio do clérigo, foram os responsáveis por dar continuidade ao trabalho em terras desbravadas, mantendo a estrutura das Casas de Caridade. Acredita-se que a Casa de Santa Fé, localizada no povoado de Solânea, na Paraíba, tenha sido a principal base de Ibiapina, sendo, após a Casa do Crato, a mais estruturada de suas missões.

3. A participação de beatas e beatos do Padre Ibiapina na infraestrutura da moral na caridade

Ibiapina anunciou um Deus de amor e misericórdia aos autóctones flagelados da seca, com simplicidade e adaptação às condições exigentes da população nordestina. Os Padres Apostólicos na Didaqué (1995, p.347) ensinam a não engrandecer a si mesmo, nem se entregar à insolência. Não se juntar aos “grandes”, mas conversar com os justos e pobres.

O Padre Mestre, humildemente, faz esse itinerário, trazendo consigo a certeza de que suas ações são inspiradas no Espírito Santo. “Na Missão Ibiapina”, Carvalho (2008, p.157) faz a seguinte reflexão: “Risquei um pequeno círculo dentro dele me meti para escapar ser lembrado dentro dele com cuidado me escondi”.

Ao ter como cerne o Deuteronômio 27, 19: “Maldito seja quem perverte o direito do estrangeiro, do órfão e da viúva”, Ibiapina formará nos cinco estados – Paraíba, Pernambuco, Piauí, Ceará e Rio Grande do Norte – 22 casas de caridade. Como afirma Fragoso (1984, p.85), Ibiapina não surgiu de uma leitura piedosa da vida de algum santo, mas de sua própria experiência: seu pai foi assassinado na Confederação do Equador, em 1825; seu irmão, Alexandre Raimundo, foi fuzilado em Fernando de Noronha.

Comblin (2011a p.19) destaca que Tereza Maria de Jesus, a mãe de Ibiapina morreu em data desconhecida, nessa mesma época, de um parto prematuro. Além disso, sua família foi expulsa do Ceará e ele precisou cuidar de suas irmãs e saiu do Seminário. Pouco tempo depois, brota em seu coração o cuidado pelos pobres por essa classe tão desprezível, mas, que, na realidade, são os preferidos de Deus.

Ambrósio (1996, p.167), no livro sobre a penitência, coloca que existem aqueles que se arrependem de ter dividido sua fortuna com os pobres, de modo que eles pedem penitência e, de imediato, a restituição da comunhão, sobrecarregando a consciência do sacerdote, pois está preceituado: “Não deis aos cães o que é santo” (Mt 7,6).

No ano 1856, a Cólera provocava medo e mortes por toda a região. Consta que só na Paraíba morreu cerca 10% da população. Padre Ibiapina no início da

sua peregrinação missionária, encontrou na região paraibana vários cadáveres humanos devorados por urubus. Os cemitérios de Olivedos (a 20 km) e de São João Do Cariri (a 70km), devido aos riscos de contágio da cólera não aceitaram os sepultamentos da região de Malhada Vermelha. A cidade Soledade nasceu do cemitério, de um lugar que representava ausência de vida. Ibiapina benzeu o terreno e fundou aí o cemitério para enterrar as vítimas da cólera, e mais tarde levantou uma capelinha anexa, sob a invocação de Sant'Ana (FLOREN, 2022).

Seja de forma inocente, ou não, ele compreendeu a Sagrada Tradição. As situações aflitivas da epidemia de cólera, as grandes secas não eram situações emergentes, mas permanentes; com isso, era preciso pedir auxílio às oligarquias do sertão. Desse modo, “Um dos grandes pecados contra a caridade é o egoísmo, quem vem a se cuidar só de si, e só viver para si; quem tem tais pensamentos é claramente reprovado perante o verdadeiro cristão” (IBIAPINA, 1984, p. 29).

Desde os primórdios da fé cristã, a preocupação com os mais necessitados é uma das mais importantes identidades do cristianismo. Conforme testemunha São Justino Mártir (1995, p. 83): aqueles que possuem alguma coisa, de forma livre, como parece bom, faz sua doação ao presidente, e ele distribui a órfãos, viúvas, aos que são forasteiros e aos que estão nas prisões e encontram-se necessitados.

A máxima instrução de padre Ibiapina é para socorrer os órfãos, os assolados da seca, bem como cuidar das mulheres maltratadas. Comblin (2011a p. 32) aponta um dos percursos de Ibiapina em 1869: “o missionário volta a Barbalha constrói uma Casa de Caridade. Constrói um açude em Caldas, capela em Goianinha Ceará. Faz um giro no Rio Grande do Norte com pregações, entra na Paraíba e funda casas em Cajazeiras e Souza”.

Andanças semelhantes a essas, no Piauí, em uma distância de 1.000 km – o que só com as irmãs de caridade poderia manter o espírito da fundação – nessas casas, que serviam de asilo, orfanato, hospital e escola. Uma verdadeira oficina de expressão realmente Cristã e Humana, de uma adesão concreta, eis o grande apelo de Ibiapina: “A devoção e a oração, por mais constante que seja, se não reforma os costumes, fazendo humilde ao soberbo, trabalhador ao preguiçoso, fiel ao mentiroso é falso e não produz frutos reais” (IBIAPINA, 1984, p. 30-31).

As Irmãs da Caridade eram responsáveis pela supervisão e organização de toda a casa, desempenhando tarefas essenciais como a administração da cozinha, a manutenção da horta, a limpeza do ambiente, o cuidado com os doentes e hóspedes, e o acolhimento das crianças, muitas vezes na chamada “roda dos enjeitados”.

A “roda dos enjeitados” era um mecanismo utilizado para receber crianças cujas mães, por não terem condições de educá-las, optavam pelo abandono. Esse dispositivo, com uma abertura giratória e um sino na porta, servia para que, ao ser colocado o bebê, o sino fosse badalado e a criança fosse acolhida como órfã pelas irmãs (ALMEIDA; BEZERRA, 2017, p. 151).

Segundo Araújo (1996, p. 359) “essas irmãs, que o povo chamava de beatas ou freiras, usavam hábitos religiosos e viviam em comunidade”. As beatas, além de suas funções domésticas, também cuidavam dos romeiros que, quando o Padre Ibiapina ficou paralítico, iam até a Casa de Caridade em Santa Fé em busca de conselhos espirituais.

Em 1968, os Cônegos Regulares Lateranenses, liderados pelos padres Leonardo e Lambert, assumiram os cuidados da casa, sendo considerados pela população como sucessores de Ibiapina. Sobre a atuação dos Cônegos Regulares Lateranenses em Santa Fé, pode-se consultar o estudo de Michel Galdino do Nascimento, *A influência da ação social dos religiosos holandeses no processo de desenvolvimento de Arara-PB (Décadas de 1970 e 1980)* (TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO, UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA, CENTRO DE EDUCAÇÃO, 2018).

Os Irmãos da Caridade são responsáveis por trabalhar no roçado. Eles participam das orações com as beatas e, de certa forma, estão sob sua supervisão. São capazes de percorrer longas léguas, pedindo esmolas para manter as casas. Um dos mais famosos foi o Irmão Ignácio. O Bispo Lacerda (2019, p. 22) testemunha que ele, junto dos irmãos Lourenço e Joaquim, pediam auxílio: “não lhe neguemos uma esmola, pelo amor de Deus, em favor dos hospitais e das mil órfãs abrigadas nos dezoito asilos, que o padre Ibiapina levantou em Pernambuco,

Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará [...]”. Desde largos anos tem repercutido triunfante a voz desse novo João Batista dos vastos sertões do Brasil.

Ibiapina era um homem de indignação, por não aceitar que os pobres padecessem de forma desumana, e de coragem, por modificar a realidade dos pobres, mesmo dentro da visão religiosa. Segundo Moser e Leers (1996, p.235), a visão lúdica de Jesus sobre a pobreza foi monopolizada pelo voto dos religiosos, visto que, para os leigos, virou uma obra supererrogatória.

Paralelamente, havia um enorme preconceito com relação às congregações religiosas e às vocações brasileiras. Ibiapina lançou sua semente no chão nortestino, sem discriminação de cor ou raça. Por isso, não esquematizou as suas Casas de Caridade nas formas canônicas, exigentes da época, já que a estigmatização canônica da cor negra era norma nos estatutos. Nesse sentido, destaca-se Irmã Mariana, ou Maria José, escrava negra, superiora da casa de Triunfo. Ela é um exemplo de como Ibiapina deixava de lado essa imposição canônica.

4. A autodestruição das casas de caridade

A formação moral de Ibiapina se desenvolveu através de um processo de catarsis, uma purificação da alma, que o conduziu de uma realidade puramente econômica para um momento ético-político, como caracteriza Barros (1984, p. 108). Esse processo o levou a uma vida reservada, longe dos prazeres mundanos, adotando uma postura de sábio asceta. Ibiapina tornou-se um grande pregador, com um estilo intelectual típico do século XIX, devoto do Coração de Jesus, e capaz de tocar profundamente os corações mais endurecidos. Barros (1984, p. 112) observa que, mesmo já doente, Ibiapina continuava sua missão com fervor, percorrendo grandes distâncias a cavalo, a pé ou sendo transportado em uma rede por seus seguidores. Impulsionado pela força da utopia cristã, ele erguia cruzeiros, “enfeitava” o mês de maio no sertão com celebrações como terços, ladainhas e o ofício de Nossa Senhora, reunindo a população para vivenciar a fé cristã de maneira profunda e comunitária.

Dom Luís Antônio dos Santos, bispo de Fortaleza, vê certo exagero e uma violação às famílias nobres, as atitudes do missionário. Solicitou seu afastamento do Ceará. Declarava que “A existência desses beatos, pelo contato íntimo

com a vida sertaneja, e o domínio de seu universo cultural, e uma religiosidade prática estaria cada vez mais longe das sofisticações teológicas da Igreja” (BARROS, 1984, p.115).

No âmbito da própria Igreja, Ibiapina não escapou de contendas e dissensões. Principalmente pelos clérigos, que estavam mais preocupados com uma missão moralizante, ou seja, não estavam preocupados com as necessidades básicas, inerentes a cada Homem, mas apenas com a sua alma. Luza (2019, p.48) coloca que o código Deuteronômio é o núcleo central das normas e instituições dos camponeses, tendo seu cume na preocupação com a tríade social: órfão, estrangeiro e viúva, motivos de bênção ou maldição.

Não seria à toa tão semelhante preocupação de desenvolvimento sociocultural dos sertanejos de Ibiapina, a acolhida dos órfãos, os assolados da seca, retirantes estrangeiros e as beatas, que, por vezes, também eram viúvas. A ação se assemelha a lei “quando sacudires os frutos da tua oliveira, não repasses os ramos: o resto será do estrangeiro, do órfão e da viúva.” (Dt 24,20). Perondi (2019, p.64) afirma que Deus propõe a vida ou a morte, a bênção ou a maldição, a felicidade ou a desgraça. O povo deve saber qual é o seu caminho.

Ibiapina era como um conselheiro, uma seta que não tem medo de profetizar diante das calamidades. Tampouco, sentia medo de pedir uma importante conversão para todos: “Não nascemos para si, cada planta deve dar seu fruto, e se não der, deve ser arrancada e lançada ao fogo, como figueira infrutuosa” (IBIAPINA, 1984, p. 29).

Essa maneira pedagógica de ensinar ao sertanejo era, para a Igreja Oficial, um sério problema, pois doía nos senhores de engenho. Dom Luiz Gonzaga (2015, p. 42) argumenta que uma igreja, nos moldes cultivados por Ibiapina, terá sempre que suscitar suspeitas, quiçá os ciúmes dos poderosos. De fato, Ibiapina legitima que a Igreja de Jesus Cristo está para servir aos pobres e humildes, oferecendo, assim, um sinal de Salvação: “se todos têm necessidade de recorrer a Deus na oração, o aflito, o desgraçado e o perseguido das tentações devem recorrer a Ele como a única barca em que se pode se salvar” (IBIAPINA, 1983, p.29).

Tais atitudes o tornaram incompreendido por Dom Luís e pelo vigário do Crato, como o Cristo, que contestou uma religião casuísta, sofreu graves acusações. Enquanto Ibiapina vai embora, os pobres o aclamavam: “Foi embora o padre-mestre. Deixou três ervas plantadas: Salve Rainha ao meio-dia, o terço à boca da noite, o ofício da madrugada!” (BARROS, 1984, p.111).

O estopim para a desmoralização de Ibiapina ocorreu logo após sua morte. Na província da Paraíba, o Padre Joel Esdras Lins Fialho (1842 -1931), capelão da cidade de Areia, foi um dos principais opositores à Casa de Caridade de Santa Fé. Para ele, as práticas realizadas na instituição eram altamente reprováveis e criminosas, chamando-a de “prisão” e “requintada inquisição”, alegando que as órfãs eram maltratadas e morriam de tuberculose (Carvalho, 2015, p. 53-55). Fialho criticava especialmente a maneira como Ibiapina, com seu fervor místico, conduzia as atividades, tanto materiais quanto espirituais, sem a preocupação de estabelecer uma rígida separação entre ambas. Essa falta de distinção foi vista como um grande escândalo para a sociedade da época e, segundo Carvalho (2015, p. 64), contribuiu para o declínio da grande infraestrutura que Ibiapina havia construído.

Padre Comblin (2011, p. 46) observa que as Irmãs da Caridade, embora essenciais para a missão de Ibiapina, escreveram apenas sobre o Padre Mestre, e nada deixara registrado sobre suas próprias vidas. Discretas tanto no serviço quanto na sociedade, muitas vezes sequer se preocupavam em deixar seus nomes para a posteridade. Das poucas que se conheceram até meados do século XX, destaca-se a figura da Irmã Cândida Americana Cunha, viúva de Antônio José da Cunha e Madre superiora intelectual da Casa de Santa Fé. Irmã Cândida Americana Hermógenes de Miranda Henriques Cunha (1820 -1905), conhecida como a Beata, uma mulher de grande fortuna, doou a propriedade de Santa Fé para a causa, renunciando a tudo para servir aos mais necessitados. Como superiora geral das Casas de Caridade, enfrentava insultos e zombarias, mas seguia incansável em seu trabalho, buscando apoio para as órfãs e os pobres que dependiam da caridade (CARVALHO, 2015, p. 38-41).

Ibiapina morreu no dia 19 de fevereiro de 1883. Araújo (1996, p. 207) relata a sua Páscoa: “Com efeito, na manhã daquele dia, antes de expirar, ele ficou possuído de uma extrema alegria e apontou, dizendo: ‘Maria’ e repetia, sorrindo: ‘lá está Maria!’”. Os bispos não viram com bons olhos essa organização que se manteve por quase cem anos após a morte de seu fundador. Dom Luís, Bispo de Fortaleza, pediu que cortassem relação com padre Ibiapina. Ele fazia o possível para controlar as Casas de Caridade, sem que previsse que apoiariam “o oásis de Juazeiro do Norte”, na pessoa carismática de padre Cícero (COMBLIN, 2011b, p.10). As beatas e beatos, que dedicaram suas vidas à oração e à caridade, encerraram seus dias provavelmente sob a influência de Padre Cícero Romão Batista, figura central da religiosidade nordestina. O “Milagre da Hóstia” ocorrido com Maria de Araújo (1862–1914), uma mulher negra, que sofria de ataques de nervos e problemas gástricos, é um dos episódios mais emblemáticos dessa devoção. Em março de 1889, durante a comunhão administrada por Padre Cícero, a hóstia que ela recebeu foi misteriosamente tingida de sangue, fenômeno que ficou conhecido como “O Milagre de Juazeiro”. Maria de Araújo, ainda, manifestou estigmas, ferimentos nas mãos e na testa, os quais foram ocultados para evitar maiores repercussões públicas. Quando faleceu, foi sepultada por Padre Cícero na capela do Socorro, mas seu túmulo foi posteriormente violado e, até hoje, não se sabe onde estão seus restos mortais (NOBRE, 1999, p. 17-18).

Segundo Panico (2019, p. 127), esse evento deve ter causado grande agitação, levando Dom Adalto, o primeiro bispo da Paraíba, a manifestar desprezo pelas beatas e seus atos de devoção. A transferência de Maria de Araújo para Barbalha fez Dom Moisés, Bispo de Cajazeiras, retirar todo o auxílio prestado pela paróquia. Contudo, o legado de Ibiapina permanece, não apenas como um eco distante nos sertões, mas como um testemunho vivo de quem, inspirado pela ética do Deuteronômio e pela ação de Cristo, defendeu concretamente os mais vulneráveis, resgatando a dignidade dos esquecidos.

5. A nova perspectiva moral assumida pela igreja do nordeste

Com o Concílio Vaticano II e o conceito de *aggiornamento* – termo central do Concílio, que significa atualização, adaptação e renovação da doutrina ca-

tólica – convocado pelo Papa João XXIII, iniciou-se na Igreja um novo tempo, impulsionado pelo Espírito Santo. Quando isso ocorreu, o Padre Mestre já havia falecido, e restavam apenas alguns poucos “beatos” e “beatas” que haviam sido seus companheiros. Na prática, as precárias construções dos hospitais, escolas e casas de caridade, criadas sob sua liderança, já não conservavam o espírito original que as havia inspirado, refletindo as mudanças e desafios do novo contexto eclesialístico.

Em 1965, com o término do Concílio Vaticano II, Santa Fé, local central das missões de Ibiapina, estava arrendada ao Sr. Marísio, que passou a utilizar tal local, para criar gado. Somente com a chegada dos Cônegos Regulares Lateranenses em 1968, teve início o trabalho catequético, místico e missionário. (CARVALHO, 2015, p.15-16). No Concílio Vaticano II, ativou-se, em toda a Igreja, o desejo de se voltar às fontes do Cristianismo. Isso culminou, na Igreja da América Latina, com a opção preferencial pelos pobres, de modo a evangelizá-los, restituindo a eles a Palavra de Deus. Tal gesto concreto é demonstrado pela ação de Padre Ibiapina.

Dom Baldisseri (2019, p. 111) afirma, de fato, que Ibiapina compreendeu, diante de um quadro marcado pelo egoísmo e individualismo, a necessidade de servir ao próximo, sendo, com isso, a razão da sua existência:

A gente da casa de caridade deu o que pôde e não pôde, arriscando-se a morrer de fome com os retirantes, mas confiantes em Deus, resolveram morrer de fome com os pobres, mas não negar a comida pelo menos uma vez por dia [...] Já tinha censurado a casa, quando dava água francamente ao povo, expondo-se a ficar sem ela, como ficou, mas o programa da Caridade é morrer com os pobres, sequiosos e famintos, e não vê-los morrer de fome: é essa a lei fundamental da Caridade (COMBLIN, 2011b, p.52).

Na atualidade, em que se brotam frutos de ganância e prepotência, corrupção na política e falta de ética, gerando autossuficiência, é notável como o padre Ibiapina soube escutar a Palavra de Deus. No flagelo da tríade social do Deuteronômio, assumido pelo Padre Mestre no assolado da seca, no órfão, sendo

um verdadeiro profeta. Desafiou a assumir o compromisso moral, ético e social, de maneira altruísta, vivendo, assim, o evangelho.

Conclusão

Na contemporaneidade, as autoridades e as instituições ainda se mostram indiferentes aos desamparados e não adotam políticas públicas, que sejam comprometidas com a vida. Em pleno fim do século XIX, Padre Mestre foi capaz de transmitir uma sabedoria essencialmente marcada pela liberdade, fidelidade e criatividade. Ibiapina ousava criar uma religiosidade de estilo simples, casando o material com o espiritual. Além disso, assumiu aquilo que era dever público, demonstrando que, sem obras, a justiça e a caridade são apenas conceitos frívolos e mortos.

Por muito tempo, a Igreja ficou preocupada com a sacramentalização dos pobres, exaltando a condenação ao inferno e uma pregação escatológica, a qual gerava uma série de regras aterrorizantes, sendo mais causadoras de temor e medo que de amor e seguimento a Jesus de Nazaré. Seu estilo de Igreja, que trouxe novos paradigmas, levou à perseguição de seus próprios ministros. Porém, estes não perceberam, de antemão, o grande valor de sua missão, fechando-se em si mesmos e não se abrindo à partilha e à solidariedade. As beatas não se deixaram desanimar: perseveraram até os últimos instantes de suas vidas, com esperança e alegria pela prática generosa da caridade.

A vida e obra de Padre Ibiapina ainda não são inteiramente conhecidas. Os historiadores e biógrafos que contam a sua vida, pouco fazem paralelismos de sua obra missionária com a Sagrada Escritura. Os relatos, sejam de Celso Mariz, de Eduardo Hoornaert ou de Comblin descrevem os acontecimentos históricos e detalham a sua missão.

Para além dessa perspectiva, é premente observar na vida de Ibiapina um sacerdote totalmente guiado pelo Espírito Santo, no esvaziamento de si mesmo para uma total adesão a Jesus Cristo. Padre e Mestre era o seu nome, sobretudo por ter feito de sua vida uma opção de esperança. Como afirma Santo Agostinho na Cidade de Deus, a Esperança tem duas filhas - a indignação e a coragem. A indignação de não aceitar as coisas como estão e a coragem de modificá-las. Desta

feita, os rastros dessa missão feita por Ibiapina escrita pelos seus colaboradores desafia a contingência da vida e alcança as novas gerações.

Ibiapina ensina a Igreja, através de seus pastores, a sentir a dor do povo no coração e as necessidades urgentes de uma efetiva redenção. Uma salvação terrena, como sinal de outra definitiva, vivendo plenamente as dores, as alegrias, a fome e as necessidades do seu povo, principalmente, com uma vida autêntica, transparente e preocupada com a moral vivida na caridade.

Referências

- ALMEIDA, Suely Creusa Cordeiro de; BEZERRA, Janaina Santos. Os Filhos da Roda e Escravidão de Crianças expostas na casa da Roda do Recife. *Afro-Ásia*. n.55, 2017. Disponível em < <https://portalseer.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/24133> >. Acesso em: 11 abr. 2020.
- AMBRÓSIO, Milão de. Ambrósio de Milão. Tradução de Célia Mariana Franchi Fernandes da Silva. *Patrística*, v. 5. São Paulo: Paulus, 1996.
- ARAÚJO, Francisco Sadoc de. *Padre Ibiapina Peregrino da Caridade*. São Paulo: Paulinas, 1996.
- BALDISSERI, Lorenzo. Dom Lorenzo Baldisseri. In: TEXEIRA, Ernando; FLOREN, José. (Orgs). *Padre Ibiapina por Nossos Bispos*. João Pessoa: Ideia, 2019.
- BARROS, L. Oliveira Cavalcanti. A Ação Modernizadora do Padre Ibiapina. In: DEROCHERS, Georgette.; HOONAERT, Eduardo (Orgs). *Padre Ibiapina e a Igreja dos Pobres*. Revisão de Eliane Henrique. São Paulo: Paulinas, 1984.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2003.
- CARVALHEIRA, Marcelo Pinto. Dom Marcelo Pinto Carvalheira. In: TEXEIRA, Ernando, FLOREN, José (Orgs). *Padre Ibiapina por Nossos Bispos*. João Pessoa: Ideia, 2019.
- CARVALHO, Ernando Luiz Texeira de. *Ibiapina e Santa Fé nos desafios do século XIX em confronto com outros textos*. João Pessoa: Ideia, 2015.
- CARVALHO, Ernando Luiz Texeira de. *A Missão Ibiapina: a crônica do século XIX, escrita por colaboradores e amigos do Padre Mestre*. Passo Fundo: Berthier, 2008.
- CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. São Paulo: Loyola, 2001.
- COMBLIN, José. *Padre Ibiapina*. São Paulo: Paulus, 2011a.
- COMBLIN. *Padre Cícero de Juazeiro*. São Paulo: Paulus, 2011b.

- COMBLIN. Ibiapina, o Missionário. In: DEROCHERS, Georgette.; HOONAERT, Eduardo (Orgs.). *Padre Ibiapina e a Igreja dos Pobres*. Revisão de Eliane Henrique. São Paulo: Paulinas, 1984.
- DENZINGER, Heinrich. *Compêndio dos símbolos e declarações de fé e moral*. 3. ed. São Paulo: Paulinas: edições Loyola, 2015.
- DOCUMENTOS COLETIVOS DE NOSSO EPISCOPADO. Cardeais, Arcebispos e Bispos. In: TEXEIRA, Ernando.; FLOREN, José. (Orgs.). *Padre Ibiapina por Nossos Bispos*. João Pessoa: Ideia, 2019.
- FRAGOSO, Hugo. As Beatas do Pe. Ibiapina: uma forma de vida religiosa para os sertões do Nordeste. In: DEROCHERS, Georgette.; HOONAERT, Eduardo (Orgs.). *Padre Ibiapina e a Igreja dos Pobres*. Revisão de Eliane Henrique. São Paulo: Paulinas, 1984.
- FERNANDES, Luiz. *Em Face do Pobre*: Reflexões de Dom Luiz Gonzaga Fernandes. In: RIETVELD, João Jorge (Org.). Campina Grande: Cópias e papéis, 2015.
- HOORNAERT, Eduardo. Ibiapina e os desclassificados. In: DEROCHERS, Georgette.; HOONAERT, Eduardo (Orgs.). *Padre Ibiapina e a Igreja dos Pobres*. Revisão de Eliane Henrique. São Paulo: Paulinas, 1984.
- IBIPINA, José. *Instruções espirituais do Padre Ibiapina*. In: COMBLIN, José (Org). São Paulo: Paulinas, 1984.
- JUSTINO, Mártir. *Santo Justino de Roma*: I e II apologias: diálogo com Trifão. Tradução de Ivo Storniolo e de Euclides M. Balancin. São Paulo: Paulus, 1995.
- LACERDA, Pedro Maria. Dom Pedro Maria de Lacerda. In: TEXEIRA, Ernando.; FLOREN, José. (Orgs). *Padre Ibiapina por Nossos Bispos*. João Pessoa: Ideia, 2019.
- LIMA, Lama Lage da Gama. O Padroado e a Sustentação do Clero no Brasil Colonial. **Saeculum** – Revista de História dossiê História e História das Religiões. João Pessoa. n. 30, p. 47-62, 2014. Disponível em: <<https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/12146/1/22231-44226-1-PB.pdf>>. Acesso em: 11 abr. 2020.
- LUCENA, Damião. *Trilogia Missionária*: Padre Ibiapina, Padre Cícero e frei Damião. João Pessoa: Moura Ramos, 2017.
- LUZA, Nilo. *Uma Introdução ao Pentateuco*. São Paulo: Paulus, 2019. (Coleção a Bíblia e o povo)
- MAGNO, Leão. Sermões. Tradução de Sérgio José Schirato e outros. *Patrística*. v. 6. São Paulo: Paulus, 1996.
- MOSER, Antônio.; LEERS, Bernardino. *Teologia Moral*: Impasses e Alternativas. Petrópolis: Vozes, 1996.

- NASCIMENTO, Michel Galdino do. *A influência da ação social dos religiosos holandeses no processo de desenvolvimento de Arara-PB (Décadas de 1970 e 1980)*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.
- NETO, Lira. *Padre Cícero: poder, fé e guerra no sertão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- NOBRE, Cícero Rick. *Cícero o Santo do Juazeiro*. São Paulo: Escala, 1999.
- PADRES APOSTÓLICOS. Tradução de Ivo Storniolo e Euclides M. Balancin. *Patrística*. v. 1. São Paulo: Paulus, 1995.
- PANICO, Fernandes. Dom Fernando Panico. In: TEXEIRA, Ernando.; FLOREN, José (Orgs). *Padre Ibiapina por Nossos Bispos*. João Pessoa: Ideia, 2019.
- PERONDI, Ildo. *Curso Bíblico sobre o Antigo Testamento*. 2. ed. São Leopoldo: Oikos, 2019.
- PIRES, Maria José. Ibiapina fala a Igreja hoje. In: DEROCHERS, Georgette.; HOONAERT, Eduardo (Orgs.). *Padre Ibiapina e a Igreja dos Pobres*. Revisão de Eliane Henrique. São Paulo: Paulinas, 1984.
- RÁDIO Integração: *Padre Ibiapina, fundador de Soledade*. Padre José Floren. Diocese de Guarabira. Paraíba. 03.06.2022.
- RIOLANDO, Azzi. *O episcopado brasileiro frente ao catolicismo popular*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- SILVA, Antenor de Andrade. *O Padre Cícero: O calvário de um profeta dos Sertões*. Editora Maqisa: Fortaleza 2014.
- STORNILOLO, Ivo. *Como ler o Livro do Deuteronômio: escolher a vida ou a morte*. São Paulo: Paulus, 1992 (Série Como Ler a Bíblia).
- VIDAL, Marciano. *Nova moral fundamental: o lar teológico da Ética*. Tradução de Roque Frangiotti et al. Editora Santuário: São Paulo, 2003.
- VILLA, Marco Antônio. *Canudos: o povo da terra*. 2. ed São Paulo: Ática, 1995